

# Axé que cura: corpo, comunidade e ancestralidade nas terapêuticas de terreiro como práticas integrativas no SUS<sup>1</sup>

Katarine Laroche<sup>1</sup>  Vitória Lopes<sup>2</sup>  Ana Paula Fernandes Rodrigues<sup>3</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba – Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba – Brasil

<sup>3</sup>Universidade Federal da Paraíba – Brasil

\*Autor de correspondência: [katarinelaroche0@gmail.com](mailto:katarinelaroche0@gmail.com)

## Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar por meio de uma perspectiva afro referenciada, de que forma as terapêuticas de terreiro, baseadas nas tradições do Candomblé, contribuem para a promoção da saúde mental e como podem dialogar com as diretrizes das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) no Sistema Único de Saúde (SUS). A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica do tipo integrativa, parte da compreensão de que as práticas de cuidado oriundas do Candomblé como o acolhimento comunitário, o uso de ervas, os rituais, os cantos e os toques apresentam potencial terapêutico, especialmente no enfrentamento do sofrimento psíquico entre populações negras, periféricas. O estudo busca identificar elementos terapêuticos nos terreiros que favorecem o equilíbrio emocional, compreender o papel da espiritualidade e coletividade nos processos de cura e investigar possibilidades de articulação dessas práticas com as políticas públicas de saúde mental no âmbito das PICs. Os resultados apontam para a valorização dos saberes ancestrais e para a construção de um cuidado em saúde mais plural, antirracista, culturalmente sensível e para a compreensão das práticas de cuidado desenvolvidas nos terreiros de Candomblé como responsáveis também pela promoção do equilíbrio emocional e psíquico por meio de vínculos espirituais, comunitários e ancestrais.

### PALAVRAS-CHAVE:

Práticas Integrativas  
Religiões Afro-brasileiras  
Saberes tradicionais  
Saúde mental  
Sistema Único de Saúde

### KEYWORDS:

Afro-Brazilian religions  
Integrative practices  
Mental health  
Traditional knowledge  
Unified Health System (SUS)

## ABSTRACT

This article aims to analyze, from an Afro-referenced perspective, how terreiro-based therapeutic practices rooted in Candomblé contribute to the promotion of mental health and how they can engage in dialogue with the guidelines of the Integrative and Complementary Practices (PICs) within the Brazilian Unified Health System (SUS). This qualitative study, based on bibliographic research, considers Candomblé care practices such as community-based welcoming, the use of sacred herbs, rituals, chants, and drumming as having significant therapeutic potential, particularly in addressing the psychological suffering experienced by Black and peripheral populations. The study seeks to identify therapeutic elements present in terreiro practices that foster emotional and psychological balance, to understand the role of spirituality and community support in mental health care, and to explore the possibilities of integrating these practices into public health policies through the PICs framework. The expected results point to the appreciation of ancestral knowledge and the development of a more pluralistic, anti-racist, and culturally sensitive model of mental health care. It is hoped that this study will contribute to strengthening care practices that recognize African-based epistemologies as legitimate and effective within the field of mental health.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar, desde una perspectiva afroreferenciada, cómo las prácticas terapéuticas de espacio ritual afrobrasileño, arraigadas en el Candomblé, contribuyen a la promoción de la salud mental y cómo pueden dialogar con las directrices de las Práticas Integrativas y Complementarias (PICs) en el marco del Sistema Único de Salud (SUS) de Brasil. Se trata de un estudio cualitativo basado en una investigación bibliográfica que considera las prácticas de cuidado del Candomblé como la acogida comunitaria, el uso de hierbas sagradas, los rituales, los cantos y los tambores como poseedoras de un significativo potencial terapéutico, especialmente para abordar el sufrimiento psíquico de poblaciones negras y periféricas. El estudio busca identificar los elementos terapéuticos presentes en las prácticas de templo afrobrasileño que promueven el equilibrio emocional y psicológico, comprender el papel de la espiritualidad y el apoyo comunitario en el cuidado de la salud mental, y explorar las posibilidades de integrar estas prácticas en las políticas públicas de salud a través del marco de las PICs. Los resultados esperados apuntan a la valorización de los saberes ancestrales y al desarrollo de un modelo de atención en salud mental más plural, antirracista y culturalmente sensible. Se espera que este estudio contribuya al fortalecimiento de prácticas de cuidado que reconozcan las epistemologías de matriz africana como legítimas y eficaces en el campo de la salud mental.

**SUBMETIDO:** 26 de junho de 2025 | **ACEITO:** 04 de julho de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025

© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Esta pesquisa não recebeu financiamento.

## Introdução

Nos últimos anos o debate sobre a incorporação de saberes tradicionais e práticas de cura não-hegemônicas no Sistema Único de Saúde (SUS) se intensificaram, principalmente depois da implementação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) instituída pela Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2006).

Nesse contexto, os terreiros de Candomblé têm se destacado como espaços legítimos de cuidado, oferecendo respostas terapêuticas que articulam corpo, mente, espiritualidade e pertencimento comunitário. Através de suas práticas com os rituais de folhas, banhos, rezas, ebós e acolhimento coletivo, essas experiências vêm sendo reconhecidas não apenas como expressões religiosas, mas também como tecnologias de cuidado que contribuem significativamente para o enfrentamento do sofrimento psíquico, sobretudo em contextos marcados por desigualdades raciais, sociais e territoriais (CARVALHO; ÁVILA, 2009).

A Resolução nº 715, de 20 de julho de 2023, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2023) indica um marco nessa direção, ao reconhecer formalmente os terreiros como dispositivo de cuidado à saúde, alinhando-se à proposta de um SUS mais plural e inclusivo. Apesar disso, os desafios persistem - como o racismo religioso, o epistemicídio e a rigidez da lógica biomédica colonialista, que dificultam a integração efetiva dessas práticas nos serviços públicos de saúde mental (CARVALHO; ÁVILA, 2009).

Justifica-se, portanto, a presente pesquisa por sua relevância em contribuir para a valorização dos saberes afro-brasileiros no campo da saúde, reconhecendo nas terapêuticas de terreiro do Candomblé uma potente alternativa de cuidado, uma vez que na perspectiva afro referenciada e decolonial tais dispositivos de cuidado são reconhecidos como tecnologias ancestrais do cuidado. Ao articular as práticas ancestrais às diretrizes das PICS no SUS, este estudo propõe uma reflexão crítica sobre a importância de políticas públicas comprometidas com a equidade, a justiça social e a reparação histórica.

A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica do tipo integrativa, com referencial teórico afro-referenciado e com o paradigma decolonial, tendo como foco inicial analisar

como as terapêuticas de terreiro, baseadas nas tradições do Candomblé, contribuem para a promoção da saúde mental e de que forma podem dialogar com as diretrizes das PICS do SUS.

O objetivo foi identificar elementos terapêuticos presentes nas práticas de terreiro que favorecem o equilíbrio emocional e psíquico, compreender o papel da espiritualidade e do acolhimento comunitário dos terreiros no cuidado com a saúde mental, bem como investigar as possibilidades de integração entre as terapêuticas de terreiro e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) do SUS.

De acordo com Sousa, Souza e Lima (2011), o uso de plantas para fins medicinais é uma prática milenar, inclusive no quesito de ordem mais "pontual" a fim de tratar uma doença quanto no contexto religioso, na prática ritual. Um dos registros mais antigos são do antigo Egito assim como também foram encontrados registros na Mesopotâmia para variados fins; o período da antiguidade na Índia, China, Grécia e Roma não foi diferente.

Quando pensamos em religiões que possuem como característica principal e fazem uso de plantas tidas como sagradas, cada uma vai apresentar um comportamento único e plural no que diz respeito a este tipo de prática. Em se tratando das religiões afro-brasileiras, não é diferente. Segundo Sousa, Souza e Lima (2011, p. 2-4) "O homem sempre utilizou as plantas como fonte de alimentos e observava os efeitos que elas provocavam no seu organismo. Em função disto, foi fazendo a triagem das plantas que tinham atividades alimentícias, medicinais, tóxicas [...]" ou seja, foi a partir do manuseio das plantas para cada necessidade que o ser humano aprendeu a sua aplicabilidade e lugar no meio social.

A utilização de plantas com objetivos curativos existe na maioria - senão todas - as sociedades e culturas, bem como no âmbito religioso. No decorrer do tempo da história humana, sempre houve a busca pela cura da enfermidade entre outros males que se manifestavam; o contato com a própria limitação e/ou finitude humana trouxe o aumento de uma expertise sobre a saúde, que majoritariamente caminhou lado a lado do campo místico ou religioso.

No contexto atual brasileiro, podemos elencar a ayahuasca e jurema preta como exemplos de práticas religiosas que possuem ligação com o uso de plantas sagradas e que são base do sagrado. Ainda de acordo com Sousa, Souza e Lima

(2011, p. 3-4), essa compreensão foi repassada de descendência a descendência e ainda hoje, em certas crenças, tanto asiáticas quanto na Europa, assume-se o potencial mágico das plantas; tanto é que determinadas espécies são tidas como plantas divinizadas, das quais se elaboram misturas que acabam por induzir um estado extático que permite que aos seus praticantes o contato com o sagrado.

Ainda no contexto brasileiro, o registro do uso de plantas para fins terapêuticos data por volta do século XVI, e este período foi identificado a partir de documentos manuscritos na época. Para os indígenas, descobrir qual planta utilizar e para qual fim, requeria que o pajé entrasse em contato com o divino por meio de plantas específicas que lhe proporcionaram o conhecimento necessário. Muito se assemelha a figura do pajé ao xamã, que a partir do transe comunica-se com o Além para contatar espíritos, buscar informações e curar enfermos (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 182).

Sousa, Souza e Lima (2011, p. 5-6) afirmam ainda que durante este tempo “Os jesuítas tiveram grande importância na difusão dos conhecimentos dos indígenas sobre as plantas medicinais para a população em geral”. Dito isso, faz-se necessário evidenciar que ao longo do processo de colonização no Brasil, o uso de ervas nativas com fins terapêuticos passou a ser progressivamente associado às plantas trazidas por colonizadores portugueses e por africanos escravizados. Essa integração ocorreu de forma paralela às práticas religiosas e espirituais dos diferentes grupos envolvidos. À medida que o interior do território brasileiro era explorado - seja na busca por metais preciosos ou na captura de indígenas para a escravização - consolidou-se um processo contínuo de troca de saberes relacionados ao uso medicinal das plantas.

No entanto, com a intensificação do processo de urbanização, as transformações tecnológicas e industriais, bem como a reconfiguração das dinâmicas sanitárias a partir do século XX, observou-se um progressivo abandono das práticas tradicionais de fitoterapia (FERREIRA; ELIAS; ASSUNÇÃO; CITADINIZANETTE, 2021).

Segundo estes autores tal processo refletiu uma lógica de apagamento dos saberes populares e tradicionais, em favor de uma racionalidade biomédica eurocentrada. Embora o conhecimento sobre o uso medicinal das plantas seja frequentemente atribuído, de forma quase exclusiva, aos povos indígenas, é

imprescindível reconhecer que tal prática no contexto brasileiro resulta de uma confluência histórica entre os saberes indígenas, africanos e europeus.

Os saberes ancestrais africanos, trazidos por populações sequestradas e escravizadas de seus territórios de origem, contribuíram de maneira significativa para a constituição de um repertório terapêutico plural, o qual, por vezes, incorporava também elementos oriundos da tradição europeia. No entanto, durante o período colonial e em muitos momentos subsequentes da história brasileira, todas as expressões culturais, religiosas, linguísticas e simbólicas associadas às populações negras foram sistematicamente criminalizadas, tratadas como ameaças à ordem social e, por isto, alvo de repressão institucionalizada. Essa lógica de deslegitimação da cultura negra persiste até os dias atuais, perpetuando formas de racismo estrutural e epistemológico.

O não-reconhecimento da centralidade da cultura africana na constituição da sociedade brasileira manifesta-se, ainda hoje, em práticas de violência simbólica e material. A depredação de terreiros, o racismo religioso e a violência sistemática contra mulheres negras — que se expressa nos níveis físico, emocional e psíquico — são exemplos concretos das continuidades coloniais que ainda estruturam o cotidiano nacional. Em vez de observarmos um declínio dessas formas de opressão, os dados apontam para o agravamento da negação das raízes africanas na formação social, histórica e cultural do Brasil. É extremamente necessário o desmonte da perspectiva eurocentrada que reduz a cultura do Outro.

O Brasil abriga uma rica e complexa manifestação religiosa de matriz africana, marcada por sua profundidade espiritual, resistência histórica e especificidades culturais. No entanto, o reconhecimento das práticas terapêuticas afro-brasileiras como formas legítimas de cuidado em saúde mental ainda é um processo recente e em construção. Embora o uso de ervas medicinais sempre tenha feito parte dessas tradições, é fundamental compreender que o cuidado promovido nos terreiros vai muito além da fitoterapia, englobando dimensões simbólicas, espirituais, emocionais e comunitárias essenciais para o equilíbrio psíquico e o bem-estar coletivo.

Nos últimos anos, especialmente a partir de abordagens interdisciplinares como a saúde coletiva, a antropologia da saúde e a psicologia social comunitária, têm-se intensificado os esforços para legitimar esses saberes e práticas no campo

da saúde pública. Um marco importante nesse processo foi a ampliação, pelo Ministério da Saúde, do rol da PICS, a partir de 2017. Entre os avanços mais recentes, destaca-se a Resolução nº 715, de 20 de julho de 2023, do Conselho Nacional de Saúde, que reconhece formalmente os espaços tradicionais de matriz africana como equipamentos de cuidado e promotores de saúde (BRASIL, 2023). Tal medida representa um passo significativo para a inclusão efetiva dessas práticas nas políticas públicas e no do SUS, contribuindo para uma abordagem mais plural, inclusiva e decolonial do cuidado em saúde mental no país.

Segundo Nascimento (2019) a água e os vegetais são alguns dos elementos mais importantes para a cura, somados aos sentimentos e expectativas de cura do enfermo. Os autores Melo e Oliveira (2013) destacam que a religião tem um papel essencial ao ressignificar a experiência da doença, podendo também transformar a forma como a pessoa enferma percebe o mundo ao seu redor. Ou seja, historicamente as religiões estão vinculadas também como uma função social de cura com base na crença do indivíduo. O fator apenas biológico por si só não possui espaço no quesito espiritual.

As curas que emanam dos Pretos Velhos, por exemplo, possuem origem em diversos tipos de água e plantas medicinais. Folhas, raízes e cascas são os componentes principais para a obtenção da cura. A partir disso, os participantes dessas práticas terapêuticas acreditam no poder curativo da água e dos vegetais, e são guiados por esses seres divinos; a crença pessoal na cura é fundamental e não trabalha de forma independente das plantas. Devido a isso, permanecem firmes em sua jornada espiritual de cura no terreiro. O ritual é uma característica fundamental para uma religião, talvez uma das mais importantes, pois além de englobar a experiência de cura do ser humano de forma individual, no terreiro existe a presença de inúmeras pessoas que manifestam a crença no processo de cura, tornando essa etapa espiritual ainda mais envolvente.

Ainda acerca dos elementos água e vegetais, a autora Nascimento (2019) afirma que os africanos da etnia Bantu eram povos com a sabedoria da área da agricultura e também da cura, diante da escassez de médicos no Brasil; a população local passou a cuidar da própria saúde recorrendo aos conhecimentos e práticas africanas, que se integraram aos saberes tradicionais dos povos indígenas brasileiros. Os terreiros são espaços de representatividade para a

população negra, que sustentam a resistência de um povo que cultivou e mantém o culto à ancestralidade. Deste modo, a transmissão dos conhecimentos e práticas de cura física e espiritual representa uma das mais potentes formas de resistência dos ancestrais africanos, cuja responsabilidade de preservação e continuidade permanece viva até os dias atuais (ARAÚJO; CARRENO; ALVES; SOARES, 2023, p. 80).

Como destaca Prandi (2001), o Candomblé constitui um sistema religioso estruturado, com lógica simbólica, moral e seus próprios rituais, oferecendo respostas existenciais e práticas aos dilemas do sofrimento humano. Nesse contexto, os terreiros funcionam como espaços de acolhimento e reconstrução subjetiva, especialmente para pessoas negras, oferecendo pertencimento, orientação e cuidado (PRANDI, 1996). Ao analisar os rituais e os modos de relação com o sagrado, Prandi (2005) demonstra que essas práticas não são meramente religiosas, mas operam como verdadeiras tecnologias culturais e espirituais de cuidado, cuja eficácia simbólica é reconhecida pelos praticantes. Essa compreensão legítima a inserção das terapêuticas de terreiro como práticas complementares de saúde mental no contexto do SUS, uma vez que dialogam com concepções ampliadas de saúde que envolvem corpo, mente, espiritualidade e ancestralidade.

Diante deste cenário, este artigo tem como objetivo refletir sobre as contribuições das terapêuticas de terreiro do Candomblé para o cuidado em saúde mental, destacando suas interseções com as-PICS-no âmbito do SUS. A pesquisa foi desenvolvida por meio da premissa de que as práticas de cuidado dos terreiros, especialmente o uso do ritual das folhas medicinais, não apenas oferecem alívio ao sofrimento psíquico, como também reafirmam identidades, pertencimento e resistência frente ao racismo estrutural e religioso. Ao problematizar as barreiras e potências dessa integração entre saberes tradicionais e políticas públicas, a pesquisa busca contribuir para a construção de um modelo de atenção à saúde mental mais plural, inclusiva, equitativa e comprometida com a justiça social.

## Metodologia

Através de levantamento bibliográfico qualitativo, com referencial teórico afro referenciado e decolonial, buscou-se explorar as contribuições das terapêuticas no âmbito de terreiro o contexto da cura ritual por meio das plantas sagradas, fundamentadas nas tradições do Candomblé e Umbanda, para a promoção da saúde mental, assim como a sua relação com as PICs no SUS. A análise se concentrou especificamente em identificar quais eram os elementos de bases terapêuticas nos terreiros que fornecessem o equilíbrio psíquico e emocional consequentemente, e evidenciar o papel no contexto espiritual, tanto ritualmente quanto na acolhida por parte dos terreiros e o impacto na saúde mental.

A metodologia escolhida foi estruturada em várias etapas, com foco na análise interpretativa de fontes importantes para o tema pesquisado. Foram consultadas as bases de dados Scielo, Google Scholar, PubMed para a busca de artigos acadêmicos e livros.

Quando nos deparamos com uma pesquisa que permeia a área da saúde, é imprescindível mencionar que é por meio da metodologia integrativa que o pesquisador se depara com um problema panorâmico, aliando tanto as perspectivas literárias quanto as de cunho empírico, possibilitando maior “fluidez” e sintomia na investigação científica sem comprometer os dados necessários. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 102), “A revisão integrativa emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. A metodologia integrativa garante uma abordagem que abarca estudos de natureza experimental e não-experimental para um entendimento em sua totalidade do objeto que está sendo pesquisado.

A respeito da riqueza metodológica, Souza; Silva e Carvalho (2010, p. 102) enfatizam que “A ampla amostra, em conjunto com a multiplicidade de propostas, deve gerar um panorama consistente e compreensível de conceitos complexos, teorias ou problemas de saúde relevantes”. Foram utilizados para a busca dos artigos as seguintes palavras-chave na língua portuguesa: “Candomblé, “Saúde mental, “Ancestralidade” afim de auxiliar na busca diante da seguinte

problemática “De que modo as práticas de cuidado oriundas do Candomblé como o acolhimento comunitário se mostram eficazes no âmbito terapêutico?”

A abordagem integrativa possui como estrutura seis fases. Na primeira etapa é elaborado o problema de pesquisa, objetivos, e temas afins com o âmbito clínico; na segunda etapa há a amostragem da literatura científica; na terceira fase a extração e organização dos dados, inclusão dos estudos; na quarta fase análise crítica das informações; na quinta e sexta etapa respectivamente ocorre a discussão dos resultados obtidos e resumo das evidências científicas (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). O quadro 1 a seguir, apresenta as 6 etapas sugeridas para esta pesquisa.

**Quadro 1** – Etapas da pesquisa.

Etapas	Objetivos
1. Elaboração do problema de pesquisa	Definir tema central: análise das terapêuticas de terreiro do Candomblé como práticas integrativas no SUS, com foco em saúde mental. Revisão de marcos legais (Portaria nº 971/2006 e Resolução nº 715/2023) e contextualização do racismo religioso e epistemicídio.
2. Amostragem da literatura	Buscar em bases de dados (SciELO, Google Scholar, PubMed) com palavras-chave como "Candomblé", "Saúde mental", "Ancestralidade". Seleção de fontes afro-referenciadas e decoloniais (Prandi, Ramos, Gonzalez).
3. Extração e organização dos dados	Categorizar elementos terapêuticos (banhos de ervas, rituais, acolhimento comunitário) e análise de estudos como os de Ramos (2024) e Portugal e Nunes (2019).
4. Análise crítica das informações	Discutir a interdisciplinaridade (antropologia, psicologia, saúde coletiva) sobre a eficácia simbólica dos rituais e a resistência ao modelo biomédico. Incorporação de teóricos como Kilomba (2019) e hooks (2020).
5. Discussão dos resultados	Sintetizar evidências: os terreiros promovem saúde mental através de espiritualidade, ancestralidade e coletividade, desafiando o epistemicídio. Destaque para políticas como as PICS.
6. Apresentação das evidências	Redigir e concluir o artigo reforçando a urgência de políticas antirracistas e decoloniais, com recomendações para inclusão efetiva no SUS.

Fonte: os autores (2025).

## Resultados e discussão

A partir dos materiais utilizados para a realização desta pesquisa, percebemos que as práticas de cuidado desenvolvidas nos terreiros de Candomblé têm despertado crescente interesse nas áreas de saúde coletiva, psicologia social, comunitária e antropologia da saúde, mas também no que se refere às suas contribuições para a saúde mental das populações negras e periféricas. Tais práticas constituem formas de resistência ao modelo biomédico hegemônico eurocêntrico, a partir de uma lógica ancestral, espiritual e comunitária, na qual a dimensão do corpo, mente, território e espiritualidade são compreendidos como indissociáveis. A seguir no quadro 2, apresentamos os artigos encontrados, selecionados, assim como critérios de inclusão, de exclusão e artigos para a apresentação final:

**Quadro 2** - Seleção de artigos para a revisão atual.

Etapa do Processo de Seleção	Número de artigos	Critérios de inclusão/exclusão
Artigos encontrados nas bases de dados (busca inicial)	35.051	Escolha das palavras-chave: "Candomblé", "saúde mental", "ancestralidade"
Artigos excluídos após leitura dos títulos e resumos	2.150	Exclusão de artigos irrelevantes ao tema (estudos sobre religiões diferentes, sem vínculo com saúde mental ou práticas de cunho ancestral).
Artigos selecionados para leitura prévia	315	Foco em estudos que abordavam terapêuticas de terreiro, saúde mental e políticas públicas (SUS/PICS).
Artigos excluídos após leitura completa	90	Exclusão devido falta de abordagem afro-referenciada (20), duplicidade (5), metodologia não qualitativa (10).
Amostra final de artigos incluídos na revisão	20	Critérios finais artigos com evidências científicas sobre eficácia terapêutica, diálogo com o SUS e enfoque decolonial.

Fonte: os autores (2025).

O artigo do psicólogo social Rodrigo Maciel Ramos (2024), intitulado Psicologia do Candomblé de Angola: a terapêutica das folhas nos cuidados em saúde mental, contribui significativamente para os estudos desta pesquisa e para

o campo da psicologia afro referenciada, ao discutir os saberes do Candomblé como práticas legítimas de cuidado psíquico. Com o uso de uma abordagem construtivo-interpretativa e de uma metodologia colaborativa com a comunidade do terreiro pesquisado, o autor propõe uma etnopsicologia que valoriza a “experiência encarnada, sensorial e ancestral do cuidado” (RAMOS, 2024, p. 5).

Nesse sentido, as folhas sagradas são compreendidas como tecnologias relacionais e terapêuticas, atuando simultaneamente sobre o corpo, a mente e o espírito superando uma compreensão estritamente fitoterápica. O banho de folhas, por exemplo, é interpretado como uma prática de recomposição identitária e energética, que “reordena o corpo e o psiquismo segundo uma cosmopercepção de matriz africana” (RAMOS, 2024, p. 7). Ao inserir essas práticas no debate sobre saúde mental, o autor afirma que “o Candomblé opera com uma ciência ancestral de cuidado que é, ao mesmo tempo, política, estética e espiritual” (RAMOS, 2024, p. 9).

Os rituais e elementos sagrados presentes nos terreiros constituem dispositivos de autocuidado e reorganização subjetiva. Elementos como a posse de um cargo no terreiro, a realização de obrigações e a manutenção dos terreiros, onde ocorrem as práticas ritualísticas, conferem status, agência e reconhecimento identitário aos sujeitos. Como apontam Portugal e Nunes (2019, p. 12), “o terreiro de Candomblé oferece possibilidades de recomposição da vida em fluxo, acolhendo narrativas de dor e transmutando-as em caminhos de existência”. A análise das autoras colabora para o entendimento dos terreiros como espaços terapêuticos que desafiam os limites da clínica tradicional, propondo outra ética do cuidado, fundada em vínculos comunitários, culturais e espirituais.

Segundo Prandi (2001), o Candomblé constitui uma religião altamente sistematizada, com cosmologia própria, regras morais, organização ritual e formas específicas de lidar com o sofrimento, a cura e o destino. Essa estrutura simbólica e ritual é o que confere sentido às práticas de cuidado realizadas nos terreiros, permitindo compreendê-las como parte de um sistema terapêutico legítimo e coerente.

A pesquisa de Ramos (2024) também contribui para a valorização das práticas de terreiro como formas legítimas de produção de saúde e resistência frente ao epistemicídio promovido pelas ciências predominantes. Sua abordagem

corroborar para o fortalecimento dos argumentos em defesa da inserção das terapêuticas afro-brasileiras no SUS, especialmente no campo da saúde mental e nas PICs.

O artigo de Portugal e Nunes (2019), intitulado Fluxos de cuidado, cuidados em fluxo: modos de agir de pessoas em sofrimento mental adeptas do Candomblé, investiga como pessoas em processo de desinstitucionalização em saúde mental constroem formas alternativas de cuidado nos terreiros. Por meio de uma abordagem carta etnográfica, as autoras analisam o terreiro não apenas como espaço religioso, mas como uma “tecnologia social de cuidado e proteção” (PORTUGAL; NUNES, 2019, p. 7), que articula corpo, território, espiritualidade e pertencimento.

O estudo de Pontes e Seminotti (2009), intitulado Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro, também contribui para essa discussão ao apresentar uma pesquisa qualitativa em um terreiro de Porto Alegre (RS), com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos à saúde e ao sofrimento psíquico pelos membros da comunidade. Os autores demonstram que o terreiro se constitui como um espaço de cuidado integral, onde corpo, mente e espírito são compreendidos de forma indissociável. A saúde, segundo os participantes, está vinculada à harmonia espiritual e à reconexão com os elementos da natureza, sendo o sofrimento entendido como resultado de desequilíbrios nos vínculos afetivos, sociais e ancestrais.

Para Prandi (1996), os terreiros são mais do que templos religiosos: são espaços de sociabilidade, acolhimento, transmissão de saberes através da oralidade e reconstrução subjetiva, especialmente para a população negra. Esses aspectos coincidem com o que Ramos (2024) denomina “terapêuticas de terreiro”, nas quais o cuidado atravessa dimensões identitárias, comunitárias e ancestrais.

A partir da filosofia africana e seus saberes ancestrais pode se compreender as práticas de banhos com ervas, rezas, oferendas e restrições alimentares como terapêuticas fundamentais para a recomposição do bem-estar, sendo reconhecidas como formas legítimas de cuidado. Como afirmam Pontes e Seminotti (2009, p. 5), “o modo de compreender e agir no mundo, vivido no terreiro, não é inferior a outros saberes, constituindo um conjunto de conhecimentos e práticas legítimas que muitas vezes se contrapõem ao saber técnico-científico”.

Essa perspectiva reforça a importância de reconhecer os saberes tradicionais de matriz africana como parte do campo ampliado da saúde, especialmente na saúde mental, em que o acolhimento simbólico, identitário e espiritual é essencial. Ao valorizar as práticas de cuidado dos terreiros, os autores contribuem para o debate sobre a urgência de políticas públicas inclusivas e culturalmente sensíveis.

Desse modo, ao analisar os rituais e as oferendas como formas de mediação entre o humano e o sagrado, Prandi (2005) contribui para a compreensão dessas práticas não apenas como expressões religiosas, mas como dispositivos de cuidado com efeitos subjetivos, sociais e espirituais, alinhados ao conceito de tecnologias ancestrais de saúde.

Ao abordar as terapêuticas de terreiro como formas legítimas de cuidado em saúde mental, é fundamental dialogar com o pensamento da antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, especialmente no que se refere à valorização dos saberes e práticas de matriz africana no contexto da América Latina. Gonzalez (2020) denuncia o racismo como estrutura que não apenas oprime corpos negros, mas também invalida suas formas de produzir conhecimento e bem viver. Nesse sentido, sua defesa de um feminismo afro latino-americano inclui a espiritualidade como dimensão central da resistência cultural e política. Como afirma a autora: “a nossa vivência cultural e religiosa é profundamente terapêutica; é através dela que mantemos nossa sanidade mental frente à desumanização cotidiana” (GONZALEZ, 2020, p. 98).

Esse entendimento amplia o conceito de saúde mental ao incorporá-la à luta contra o epistemicídio e à afirmação de uma cosmo percepção própria. Os terreiros, portanto, não são apenas espaços religiosos, mas lugares de afirmação identitária, de cura coletiva e de reorganização subjetiva, sobretudo para mulheres negras, frequentemente situadas nas margens do cuidado institucionalizado. Nesse sentido, compreende-se que incluir essas práticas no SUS não se trata apenas de reconhecimento cultural, mas de reparação histórica e política frente às exclusões sistemáticas do modelo biomédico.

Em seu livro *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba (2019) corrobora com esse pensamento, pois para ela as terapêuticas de terreiro, ao promover cuidado espiritual e reconstrução subjetiva a partir de epistemologias afro centradas,

funcionam como estratégias de resistência ao trauma colonial e ao racismo cotidiano denunciado pela psicóloga e escritora. Para a autora, o racismo não é apenas um sistema de opressão externa, mas uma ferida psíquica profunda, que se instala no corpo e na mente das pessoas negras. Kilomba (2019, p. 26) afirma que “o racismo é uma ferida narcísica que atravessa gerações, que está entranhada na pele, na memória e na linguagem”.

Nesse sentido, os terreiros se configuram como espaços de elaboração simbólica dessas feridas, proporcionando práticas que resgatam a dignidade, o pertencimento e o direito de existir de maneira plena. O acolhimento comunitário, os rituais, os cantos e as folhas não apenas restauram o equilíbrio espiritual, mas também funcionam como formas de ressignificar narrativas marcadas pela dor e pelo silenciamento da sociedade racista. A saúde mental, então, é compreendida a partir de uma lógica anticolonial, que reconhece a importância da ancestralidade e da coletividade no processo de cura. Incorporar essas práticas ao SUS, através das PICS, é reconhecer que o sofrimento psíquico da população negra exige respostas que considerem os efeitos históricos do racismo e da colonialidade.

Por fim, e não menos importante, a tecnologia ancestral do cuidado, presente nas terapêuticas de terreiro, guarda estreita relação com a proposta ética e política de amor elaborada pela pesquisadora feminista bell hooks. Para a autora, o amor é uma prática transformadora que envolve intencionalidade, cuidado, compromisso e responsabilidade coletiva. Ao afirmar que “o amor cura” (hooks, 2020, p. 30), a autora nos convida a repensar os modos de cuidar, deslocando o foco da racionalidade técnica para o afeto como tecnologia de vida. Essa concepção encontra eco nas práticas de matriz africana, em que o cuidado espiritual, comunitário e ancestral é mobilizado como forma de enfrentamento do sofrimento psíquico.

Nos terreiros, o acolhimento, os rituais e a conexão com os orixás não apenas restauram o equilíbrio energético, mas também afirmam identidades, reconstroem narrativas e promovem pertencimento. Assim como hooks denuncia a falta de amor como um dos pilares da opressão, pode-se compreender que o epistemicídio dos saberes afro-brasileiros também representa uma negação política do amor enquanto cuidado coletivo. Diante disso, incluir as terapêuticas de terreiro no

escopo das PICS do SUS no cuidado da saúde mental é, ao mesmo tempo, um ato de justiça epistêmica e de afirmação de uma política compromissada com a ética do cuidado antirracista e decolonial.

## **Considerações finais**

A análise bibliográfica e qualitativa da pesquisa a partir de uma abordagem afro referenciada e decolonial, permitiu compreender como as terapêuticas de terreiro, fundamentadas nas práticas ancestrais do Candomblé, constituem formas legítimas e potentes de cuidado em saúde mental. Por meio de uma lógica que integra corpo, espírito, ancestralidade, território e comunidade, os terreiros oferecem caminhos terapêuticos que se contrapõem à fragmentação imposta pelo modelo biomédico hegemônico intrínseco ao processo de colonização, especialmente à população negra e periférica. Ao reconhecer o terreiro como espaço de acolhimento, escuta, reorganização subjetiva e reinvenção da vida, evidencia-se a relevância de tais práticas para a construção de políticas públicas de saúde mais equitativas, plurais e antirracistas. A espiritualidade, os rituais, o uso das folhas e o pertencimento coletivo são elementos que ressignificam o sofrimento psíquico e reconstróem identidades atravessadas pelo racismo, pela exclusão e pelo epistemicídio.

Diante disso, propõe-se que o Sistema Único de Saúde, por meio das PICS, amplie o reconhecimento e a integração das terapêuticas afro-brasileiras como saberes e práticas válidas no campo da saúde mental. Tal movimento representa não apenas um avanço técnico, mas um ato político de reparação, valorização das epistemologias negras e afirmação do direito à saúde integral e culturalmente situada. Dar voz a esse debate é, portanto, reafirmar o compromisso com o cuidado da saúde mental da população negra considerando a memória, a história e a dignidade dos seus saberes ancestrais.

## Referências

ARAÚJO, Kristiane Alves; CARRENO, Maxim Paolo Repetto; ALVES, Ana Paula Barbosa; SOARES, Juliana Ponte. **Práticas de saúde: estratégias de cuidado e sentidos nas religiões de matrizes africanas**. Atena Editora, Ponta Grossa -PR, 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 715, de 20 de julho de 2023. **Reconhece os espaços tradicionais de matriz africana como equipamentos de cuidado em saúde**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 2023. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-715-de-20-de-julho-de-2023-499700977>

CARVALHO, Renata Coppieters Oliveira de; ÁVILA, Marco Aurélio. **Terreiros de Candomblé: entre Memórias, História, Tombamento e Turismo Étnico**. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009.

FERREIRA, Maria Eduarda Alves; ELIAS, Guilherme Alves; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. **Plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda: estudo de caso no sul do Brasil**. *Ethnoscientia*, Altamira, v. 6, n. 3, p. 1-14, jun., 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Ana Ban. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira, Stephanie Borges, Márcia Beatriz de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Cobogó, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MELO, Márcio; OLIVEIRA, Simone. **Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras**. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 22, n.4, p.1024-1035, 2013.

NASCIMENTO, Maria Sampaio do. **Práticas terapêuticas bantu: a cura por meio da água e dos vegetais**. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – PGCS-UFES, 4., 2019, Vitória. *Anais* [...]. Vitória: PGCS-UFES, 2019. p. 1–20. <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/28709>

PORTUGAL, Clarice Mendes; NUNES, Maria de Lourdes de Oliveira. **Fluxos de cuidado, cuidados em fluxo: modos de agir de pessoas em sofrimento mental adeptas do Candomblé.** *E-Cadernos CES*, n. 29, p. 1-20, 2019. <https://doi.org/10.4000/eces.5070>

PONTES, Miriam Cristiane Alves; SEMINOTTI, Nédio. **Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro.** *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, supl. 1, p. 1-9, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000800013>

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiros da fé: os fiéis do candomblé e da umbanda no Brasil.** São Paulo: Páginas & Letras, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RAMOS, Rodrigo Maciel. **Psicologia do Candomblé de Angola: a terapêutica das folhas nos cuidados em saúde mental.** *Psicologia & Sociedade*, v. 36, e244324, 2024. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/yvcyfsTb4CbnzMnVfvS8VVn>

SOUSA, Maria do Socorro; SOUZA, Wallace Ferreira de; LIMA, Marileuza Fernandes de. **Plantas sagradas nas religiões afro-brasileiras: correlações do seu uso terapêutico e a fitoterapia.** *Ethnoscience*, ano 06, número 03, p. 1–20, junho, 2011.

SOUZA, Marcela; SILVA, Michelly; CARVALHO, Rachel. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan. 2010.